

## **SOBRE O FEMININO**

*Bruno Wagner D'Almeida de Souza Santana<sup>1</sup>*

### **RESUMO:**

Este trabalho pretende se aproximar do mistério do feminino e sua relação com o amor. O feminino, este campo obscuro e indefinível como a morte, é um enigma sem solução. A mulher, vista como um símbolo da falta é para a psicanálise aquela que não tem. O amor, enquanto aquilo que se produz a partir da falta, talvez seja uma das formas de nos aproximarmos deste mistério que é a mulher. Porém, não o amor da completude, mas talvez o amor defendido por Sócrates no “Banquete” de Platão.

Palavras Chave: Feminino. Mulher. Amor.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora; Pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Subjetividade e Cultura coordenado pela Professora Dr<sup>a</sup>. Denise Maurano.

Este ensaio é um capítulo da monografia “A Falta que ela me faz, A Falta que ela me traz: o vazio, o feminino e a cultura”, onde aborda-se a questão do feminino em sua relação com o vazio para com isso apontar o caráter ambíguo da cultura, que, se por um lado é fálica, por outro lado guarda um ponto obscuro, creditado ao feminino e que cobra à mulher que se invente a todo instante. E na tentativa de melhor elucidar o que diz respeito ao mistério feminino, utiliza-se aqui o mito e o amor enquanto meios proveitos de se acenar ao que escapa à palavras.

Em “Teorias Sexuais Infantis”, de 1908, quando a castração é elevada pela primeira vez ao nível de conceito, Freud escreve que, quando o menino descobre o sexo feminino, ele “escotomiza” sua percepção. Vê um pênis ali onde não há (POMMIER, 1991, p. 16) :

Quando o menino vê as partes genitais de uma irmãzinha, seus comentários demonstram que seu preconceito já é bastante forte para alterar a percepção; ele não constata absolutamente a falta do membro, mas diz, de ordinário, à guisa de consolo e de conciliação: “o ... ainda é pequeno, mas quando ela for maior ele crescerá bem. (ANDRÉ, 1998, p. 12).

Quinze anos mais tarde, em 1923, no artigo sobre a organização genital infantil, Freud não mais reafirma uma ignorância fundamental do sexo feminino, e diz que o menino bem percebe na mulher uma ausência de pênis, mas concebe-a como uma castração unicamente na medida em que ele próprio já foi exposto a uma ameaça de castração; ou seja, a mulher foi submetida àquilo de que ele mesmo está ameaçado. E apenas no artigo de 1927, “Fetichismo”, é que irá aparecer uma nova noção, a da denegação, que permite conjugar ao mesmo tempo castração e a recusa desta –operação dupla que caracteriza o fetiche (POMMIER, 1991, p. 16).

Fica claro, ao longo desta obra, uma mudança nas opiniões de Freud quanto aos efeitos da diferença anatômica entre os sexos e, também, a primazia atribuída ao falo<sup>2</sup>. Ou seja, como podemos ver em 1923, não há senão um sexo, o falo, em sua presença ou em sua ausência. O que significa que a falta do pênis, se reconhecida, é apenas enquanto falo (a menos) e não enquanto sexo feminino. No entanto, é preciso lembrar que, se o falo comparece referido ao pênis é apenas porque aí está o seu avatar mais visível. E, portanto, dirá Freud que também a menina toma conhecimento de seu sexo com a ajuda do significante fálico, sendo o clitóris um falo diminuído ou castrado (ANDRÉ, 1998, p. 13). Daí então, Freud conclui que o sexo feminino

<sup>2</sup> Imaginariamente identificado ao pênis, àquilo que se destaca, o *Phallus*, que na Grécia Antiga era tido com símbolo da turgência vital, funciona como termo referencial que permite situar a diferença entre os sexos.

enquanto tal, distinto do falo, *não é jamais descoberto* senão em sua negatividade. Como a morte –que só pode ser compreendida como uma espécie de não-vida devido a uma ausência completa de significantes próprios a ela- da mesma forma o feminino apenas pode ser acenado como o Outro do falo, encarnação da falta por excelência. Aliás, não é à toa que Freud, em 1931, termina o artigo “Feminilidade” da seguinte maneira:

Isso é tudo que tinha a dizer-lhes a respeito da feminilidade. Certamente está incompleto e fragmentário, e nem sempre parece agradável. Mas não se esqueçam de que estive apenas descrevendo as mulheres na medida em que sua natureza é determinada por sua função sexual. (...) não desprezamos, todavia, o fato de que uma mulher possa ser uma criatura humana também em outros aspectos. Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência da vida dos senhores, ou consultem os poetas (...) (FREUD, 1976, p. 134).

Quando conclui acerca da impossibilidade de se desvelar o mistério do feminino, Freud não entende por isso que o menino e a menina não tenham consciência da *materialidade* da vagina. Aliás, podemos ver diariamente o quanto as crianças se entregam precocemente a explorações que não deixam qualquer dúvida quanto ao seu conhecimento anatômico. A vagina é bem conhecida como órgão, pedaço do corpo, mas não é reconhecida a nível significante como sexo feminino (ANDRÉ, 1998, p. 13). O desconhecimento do sexo feminino não é resultado de uma ignorância do órgão, cuja existência pode ser reconhecida muito cedo. Entretanto, se a palavra “vagina” existe, se o órgão existe, falta o investimento fálico que lhe seria necessário pra aceder ao saber (POMMIER, 1991, p. 8). Ou seja, ainda que se possa tomar a vagina como um representante da mulher, tal representante não será suficiente para, por si só, definir o que é a mulher (sempre vista, em último termo, como “aquela que não tem”), a não ser enquanto falta – pois sempre restará aí um furo, uma falta de significantes. O que quero mostrar com isso é que o pênis é muito mais propenso a ser investido “imaginariamente” por um valor fálico do que a vagina. Porém, o que a psicanálise nos revela é que a castração não se dá tanto pelo trauma anatômico, pelo temor de uma mutilação, quanto em função da posição que é atribuída a cada um pelo discurso do Outro<sup>3</sup>. Eis porque certos homens vão se alinhar do lado da mulher e certas mulheres vão se alinhar do lado do homem, sem que levem mais em consideração as realidades do organismo. Em suma, a castração, longe de se reduzir a um trauma anatômico, é efetiva no

---

<sup>3</sup> Lacan utiliza-se do conceito “Outro”, alteridade absoluta, em contraposição a “outro”, que é da ordem da 3ª pessoa, o semelhante. O Outro é concebido por Lacan como espaço aberto de significantes que o sujeito encontra desde seu ingresso no mundo, e é utilizado por ele, em último termo, para se referir à linguagem

momento em que o sujeito constata que o desejo materno se orienta alhures, em direção a algo, a um Nome-do-Pai, que permita situar o mistério do falo (LACAN, 1976, p. 18). Este apenas comparece enquanto “a menos”, faltante, significante da pura diferença –por isso mesmo é também tido como “símbolo vazio”.

O feminino se encontra para a psicanálise, portanto, enquanto enigma insolúvel. Como o desejo, a feminilidade escapa às palavras, e a mulher nada mais faz senão ornamentar esse vazio, mascarando a falta e a ausência de um traço consistente que lhe assegure uma identificação; faz isso através de adornos que margeiam o furo: penteado, jóias... A mulher encarna, assim, a falta sob um duplo ponto de vista: por um lado, a nível imaginário, ela é o que não tem; por outro lado, a nível simbólico, “mulher” é uma palavra cuja referência é faltosa. Ela é, pois, o símbolo da falta. (LACAN, 1976, p. 34).

O mistério feminino, o de uma falta encarnada, se iguala ao mistério antigo, ao véu sempre lançado sobre o falo. Ela guarda seu segredo mesmo que o véu que a recobre deva ser rasgado, pois atrás dessa tela nada pode ser apreendido, de forma que a descoberta de um para-almém da máscara permanece impossível. Assim, se descobre a fragilidade da imagem do corpo da mulher, que não poderia dispensar o véu e a obscuridade (LACAN, 1976, p. 34). Tirésias, velho clarividente que predisse o parricídio de Édipo, conhecia o passado, o presente, o futuro e ainda interpretava o vôo e a linguagem dos pássaros. Predisse o destino de Tebas e de seus reis, e finalmente, nos Infernos, mesmo depois de sua morte, Plutão (ou Hades, para os gregos) manteve-lhe o poder de proferir oráculos. Assim, conta Homero, que Circeu aconselha a Ulisses “que desça aos infernos” para consultar o célebre adivinho. Este era cego, e há várias explicações para esse fato. Uns afirmam que a cegueira seria castigo dos deuses por ter revelado aos mortais os segredos do destino (PUGLIESI, 199, pp. 185-6); mas há ainda uma outra versão, para nós aqui mais significativa, pois nos dá uma amostra do excesso presente no gozo feminino, excesso não suscetível de ser abraçado pela linguagem e que não pode ser senão acenado a um mais-almém. “A Mulher” é indizível porque ocupa o lugar daquilo que resiste às palavras. Ela ocupa esse lugar vazio que as palavras bordejam (POMMIER, 1991, p.55).

Um dia, Tirésias, tendo encontrado sobre o monte Cilene, ou Cíteron, duas serpentes entrelaçadas, separou-as com seu bastão e tornou-se mulher. Depois de algum tempo, encontrou as mesmas serpentes entrelaçadas e voltou a ser homem. Por conhecer os dois sexos, foi escolhido como juiz em uma disputa entre Júpiter (Zeus) e Juno (Hera): discutiam quem teria

mais prazer no sexo. Tirésias, então, pronunciou-se contra a deusa, que não queria o que é o prazer feminino, e disse que se o prazer tivesse dez partes, nove corresponderiam ao prazer feminino, contra uma parte do homem. Juno ficou tão irritada que o privou da visão, mas este recebeu de Júpiter, em contrapartida, o dom da profecia. Além disso, Minerva (Atena) deu-lhe um bastão com o qual se conduzia tão bem como se tivesse visão (POMMIER, 1991, p. 186).

A esse gozo mais além do *phallus*, símbolo da pura diferença, Lacan propõe chamá-lo gozo Outro –alteridade absoluta da representação. Portanto, a posição feminina parece estar referida ao campo tanto da indiferenciação originária, quanto referida a uma suplementação que se impõe frente à limitação do universo fálico da representação, no qual o sentido nunca é suficiente para dar conta da vida (MAURANO, 2005, p.40), ou desta dama –como propõe Nietzsche em Além do Bem e do Mal:

Supondo que a verdade seja uma mulher –não seria bem fundada a suspeita de que todos os filósofos, na medida em que foram dogmáticos, entenderam pouco de mulheres? De que a terrível seriedade, a desajeitada insistência com que até agora se aproximaram da verdade, foram meios inábeis e impróprios para conquistar uma dama? É certo que ela não se deixou conquistar –e hoje toda espécie de dogmatismo está de braços cruzados, triste e sem ânimo. Se é que ainda está de pé (NIETZSCHE, 2005, p. 7)!

Essa qualificação de feminino bem se presta ao dito “sexto sentido”, atribuído justa e injustamente às mulheres, dado que, enquanto empíricas, as mulheres são, por vezes, demasiadamente fálicas. No entanto, o feminino aqui não se limita às mulheres empíricas, mas se presta a um certo acolhimento do que não pode ser expresso por palavras, a um acolhimento do mistério, de um vazio prenhe de fecundidade; não se limita à distinção sexual, mas se ocupa muito mais do amor –este visto enquanto aquilo que viabiliza uma outra modalidade de gozo, impulsionado para o ilimitado e que, portanto, toca o campo da mística (MAURANO, 2005, p. 44). Nesta perspectiva, o amor seria aquilo que transfiguraria o horror que nos causa a falta, nos possibilitando fazer algo a partir mesmo desse vazio, e não tamponando-a, como faz o amor caridoso.

A propósito, o amor nessa ótica se aproxima muito mais do discurso de Diotima do que do discurso de Aristófanes. No Banquete, de Platão, apresenta-se um acirrado debate acerca do Amor, onde cada um à sua maneira busca melhor caracterizar esse “deus”. O discurso que antecede Sócrates é o de Aristófanes, conhecido comediante grego, que irá apresentar o mito

dos seres inteiriços, onde inicialmente participávamos de uma unidade primitiva, mas que posteriormente sofre uma mutilação. Conta ele: inicialmente éramos o dobro do que agora somos, tínhamos quatro braços, quatro pernas, dois sexos (masculino, feminino ou misto)... No entanto, tais seres inteiriços eram muito poderosos e resolveram construir uma escada que alcançasse o Olimpo. Em represália, Zeus resolveu cortá-los ao meio, pois assim eles se tornariam mais fracos. E quando os cortou, Zeus virou a cabeça de cada um deles na direção do corte feito (cuja cicatriz estaria no umbigo) para que, deparando-se com essa marca, ficassem mais humildes. Porém, apesar de Zeus achar que com isso ele teria um maior número de adoradores, esses novos seres assim multiplicados ficaram ansiosamente correndo em busca de sua outra metade. E exatamente em tal procura é que consistiria o amor. Daí, portanto, na concepção de Aristófanes o amor seria a busca pela unidade original (PLATÃO, 2005, p. 35).

Chega então a vez de Sócrates falar. No entanto, dirá ele nesse momento que, acerca do amor, apenas sabe o que lhe disse uma mulher. Recorre ele, então, a Diótima, sacerdotisa que lhe teria ensinado os fenômenos do amor. Segundo ela, ao contrário de Aristófanes, o amor, se é busca de alguma coisa, não poderia ser um Deus, pois aos deuses nada faltam; o amor seria, portanto, um meio-termo entre o divino e o mortal. E ainda, o amor não seria uma via para escaparmos à falta, à incompletude, pois a falta não deve ser encoberta pela ilusão de completude. Dessa maneira, o amor seria justamente aquilo que transfiguraria o horror à falta e não aquilo que busca incessantemente a completude. O amor seria justamente aquilo que produz a partir da falta, onde ela é, portanto, acolhida, partilhada.

Tal amor é o que irá operar no desejo do analista, amor à vida que não deixa de acolher o furo que há em seu seio. Talvez seja por isso que Lacan diz que a imagem que mais se aproxima da imagem do analista é aquela que no passado se chamou de santo, aproximando Deus do inconsciente. No sentido em que para se chegar a ele, ao inconsciente, a Deus, há de se proceder sem ansiar por compreender, sem tentar reduzir a alteridade ao conhecido (MAURANO, 2005, p. 44). Aliás, não é à toa que a *douta ignorância*, o “saber que não se sabe” do analista, foi usada na Idade Média por S. Boaventura para caracterizar o êxtase: “Como por uma douta ignorância, nosso espírito é arrebatado acima de si, na obscuridade e no êxtase”. E que Nicolau de Cusa tenha usado a mesma expressão com relação a Deus: a *douta ignorância* consiste em saber que nada se pode saber de Deus. Este é infinito, logo está além de qualquer proporção

com o finito, com o homem, e apenas pode ser entendido via uma completa alteridade (ABBAGNANO, 2000, p. 294).

Esse espaço infinito, de pura dispersão e “ausência”, espaço feminino, é o que o totem virá delimitar (POMMIER, 1991, p. 191), demarcando o campo da cultura, passível de ser simbolizado, fazendo contraponto ao que é puramente *natura*, puro Real e ausência de significação.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. tradução: Alfredo Bosi. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ANDRÉ, SERGE. *O que quer uma mulher?* Tradução de Dulce Duque Estrada. RJ : Jorge Zahar Editor, 1998.

FREUD, Sigmund. 1976 –Obras psicológicas completas, Edição Standard Brasileira Rio de Janeiro, Imago Editora

\_\_\_\_\_ (1931) “A feminilidade”.

MAURANO, Denise. *A Transferência: uma viagem rumo ao continente negro*. Inédita. 2005.

NIETZSCHE, F. Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

PLATÃO. *O Banquete*. tradução: Prof. J. Cavalcante de Souza. –3ª ed.- Rio de Janeiro: DIFEL, 2005.

POMMIER, G. *A Exceção Feminina: os impasses do gozo*. tradução: Dulce M. P. Estrada. Rio de Janeiro: J.Z.E., 2ª edição, 1991.

PUGLIESI, MÁRCIO. *Mitologia Greco-Romana: arquétipos dos deuses e heróis*. 2ª ed. São Paulo: Madras, 2005.

## ABOUT THE FEMALE

### ABSTRACT

This paper intends to approach the mystery of feminine and its relationship with love. The female, this obscure and indefinable field like the death, is a puzzle without solution. The woman, seen as a symbol of lack for psychoanalysis is one that does not. Maybe the love, as what is produced from the lack, is a way of get closer in this mystery that is woman. But not the love of completeness, but maybe, the love advocated by Socrates in "The Banquet" by Plato.

Keywords: Female. Woman. Love.

© 2006 *Psicanálise & Barroco*

*Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Cultura*

*Campus Universitário – ICH – Bairro Martelos*

*Juiz de Fora, MG - Brasil*

*Tel.: (32) 2102 3117*

[dmaurano@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:dmaurano@psicanaliseebarroco.pro.br) [www.psicanaliseebarroco.pro.br](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br)